



AMOR MISSIONÁRIO

O mês de Outubro, o mês missionário por excelência, está a começar. Nele, somos convidados a rezar mais intensamente pela Igreja missionária e a aprofundar a nossa vocação como discípulos missionários. O objectivo é que, como o Papa Francisco escreveu na sua mensagem para o Dia Mundial das Missões deste ano, possamos continuar “a sonhar com uma Igreja toda missionária e uma nova estação da acção missionária das comunidades cristãs.”

A missão além-fronteiras entre os povos de outros continentes, também chamada *ad gentes* (por se realizar entre aqueles que ainda não conhecem Jesus ou cuja fé não está ainda suficientemente enraizada no Evangelho) tem perdido impulso entre nós, visível na diminuição das vocações missionárias e nos apoios recolhidos nas dioceses e canalizados pelas Obras Missionárias Pontifícias (OMP) para o “Fundo de Solidariedade Universal com que o Papa sustenta a actividade missionária”.

No dizer do Santo Papa João Paulo II, o enfraquecimento do dinamismo missionário da Igreja ao serviço dos não-cristãos é um “sinal de crise de fé” e “um facto que deve preocupar todos os que crêem em Cristo” (*Redemptoris Missio*, 2). Precisamos, por isso, de reverter esta tendência e dar novo vigor às nossas comunidades, colocando de novo a missão universal na agenda e no horizonte da missão doméstica.

As OMP preparam anualmente alguns subsídios – como o Guião Missionário e os cartazes do Dia Mundial das Missões –, cujo objectivo é ajudar os católicos a sentirem-se parte da evangelização universal através da oração, da



Foto: DR

Santa Teresinha do Menino Jesus, Padroeira das Missões

“A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece!” (*Redemptoris Missio*, 2).

partilha e do compromisso nas suas comunidades. Com tristeza e preocupação damos conta que muitos párocos não querem ou não se interessam por receber e disponibilizar estes materiais aos seus fiéis. Ao fazê-lo tiram às comunidades a oportunidade de pensar sobre a importância premente de sermos, como sublinha o Papa Francisco, uma “Igreja em saída”, que vive a missão, é testemunha de Cristo e se sente impulsionada a “ir mais longe, mais além das próprias fronteiras, para testemunhar a todos o amor de Cristo.”

A ideia da missão universal dá respiro à missão paroquial e nacional e não é algo que distrai os cristãos do compromisso local que têm ou que os leva a alienar as suas energias e recursos. A missão doméstica só tem a ganhar com a abertura à missão universal. Como disse

o Santo Padre João Paulo II, “a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. **É dando a fé que ela se fortalece!**” (*Redemptoris Missio*, 2). Esta é uma lição que não é fácil de aprender.

Iniciamos o mês de Outubro celebrando a memória litúrgica de **Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões.** Apesar de confinada num convento de clausura, viveu a sua identidade missionária, rezando pelas vocações, correspondendo-se com missionários e sobretudo amando. Ela estava profundamente consciente de que a sua vocação dentro da Igreja era o amor. **“No coração da Igreja eu serei o amor”**, escreveu.

Que Santa Teresinha do Menino Jesus nos inspire a abraçar a vida com um amor missionário, que não conhece fronteiras! ✦

Fraternidade sem fronteiras

A fraternidade é imprescindível na vida e na missão. No Congresso sobre o tema, a realizar nos dias 14 e 15 de Outubro, em Lisboa, queremos reflectir sobre a construção da fraternidade na sociedade, na política, na economia, na missão, no diálogo entre as religiões e na reconstrução da esperança.

Porquê realizar um congresso sobre a fraternidade sem fronteiras? Há muitas razões. Eis algumas:

1. **Tentar sintonizar-nos como o magistério do Papa Francisco que, em Outubro de 2020 nos deu a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.** O Papa sugere o tema da fraternidade e da amizade social, porque: 1) vê neles **o caminho para a liberdade e a igualdade** (FT, 103 e 104), um **tipo de cimento social**; e 2) porque vê **sinais preocupantes da sua falta no rumo que estamos a tomar, na convivência social.**

O Papa aduz alguns exemplos preocupantes:

- A primazia dada às **ideologias**, que cegam, que manipulam o debate, mudam o sentido das palavras e criam factos e narrativas alternativas – e não se dá atenção à **realidade das pessoas e do mundo**, sabendo que o encontro com pessoas reais, faz cair as barreiras do preconceito.

- Crescente falta de consciência histórica;
- Dificuldade em **escutar os outros, respeitá-los** (no trânsito, no cumprimento dos deveres sociais, nos hábitos de limpeza, etc.), **acolhê-los e dar voz aos “exilados ocultos”** (pessoas com deficiência e idosos) (FT, 98).

- **Dificuldade na transmissão dos valores:** “Vivemos já muito na degradação moral, furtando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestida-



de. (...) Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos, na defesa dos próprios interesses, uns contra os outros” (FT, 113).

- O **nacionalismo fechado** (diferente do patriotismo) que cria novas formas de egoísmo e leva a perder o sentido social.

- A **guerra** que estilhaça o sonho de uma crescente comunhão entre os povos: “A guerra é um fracasso da política e da humanidade, uma rendição vergonhosa, uma derrota perante as forças do mal” (FT, 261).

- O aumento das **feridas e daqueles que se sentem ignorados** pelo sistema político (que faz aumentar os extremismos).

2. **O Congresso além da reflexão que vai proporcionar, pode ajudar a despertar/estimular a nossa responsabilidade na criação de um mundo melhor.**

O Papa Francisco, na sua reflexão sobre a parábola do **Bom Samaritano**, diz: “Não devemos esperar tudo daqueles que nos governam. Seria infantil. Gozamos de um espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. **Sejamos parte activa na reabilitação e apoio das sociedades feridas.** Hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos, de **ser outros bons samaritanos** que tomam sobre si a dor dos fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos” (FT, 77). E acrescenta: “**Todos temos uma responsabilidade pelo ferido**

que é o nosso povo e todos os povos da Terra” (FT, 79). O desafio é deixar de lado as diferenças – ultrapassar os preconceitos, as barreiras históricas e culturais (FT, 83) – e **fazer-nos próximos, vizinhos dos que precisam.** Por isso, a conclusão da parábola é: “**Vai e faz tu também o mesmo**” (Lc 10, 37). Cada um tem o seu papel a desempenhar, além do que possa fazer, por exemplo, a política ou a comunicação social.

3. No Congresso queremos reflectir sobre algumas das sugestões do Papa Francisco para a construção da fraternidade na sociedade, na política, na economia, na missão, no diálogo entre as religiões e na reconstrução da esperança. Eis algumas **pistas para percorrer o caminho da fraternidade:**

- Importância da **prestação de contas** (“*accountability*”) e da transparência na administração da coisa pública.

- Importância da **amabilidade** na construção de pontes e na busca de consensos (FT, 222-224), da verdade (FT, 226), do **perdão e da reconciliação** (FT, 236ss).

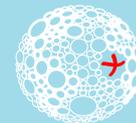
- Necessidade de pensar numa **ética das relações internacionais e numa ética global de solidariedade e cooperação** (FT, 127) de modo a garantir o direito dos povos, e não só dos indivíduos (FT, 126).

- **Diálogo e convivência entre as religiões.**

- Dar atenção à “dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao **bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral**” (FT, 276).

4. **A questão da universalidade da fraternidade.**

- O Papa Francisco diz que “é impossível compreender-me a mim mesmo sem uma **teia mais ampla**



de relações” (FT, 89), que devem ir além do pequeno grupo de amigos.

- Diz também que “o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal” (FT, 95).

- E citando a sua mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2014, diz que “o número sempre crescente de ligações e comunicações que envolvem o nosso planeta torna mais palpável a consciência da unidade e de partilha de um destino comum entre as nações da Terra” (FT, 96).

- O Papa sublinha a ideia de que as pessoas, os países, os povos e as culturas devem estar abertas ao universal para crescerem.

“Toda a cultura saudável é, por natureza, aberta e acolhedora” (FT, 146).

- “É preciso olhar para o global, que nos resgata da mesquinhez caseira” (FT, 142).

5. Este é um Congresso Missionário não só porque os missionários estão na linha da frente da organização; é missionário porque a Igreja é missionária e a construção da fraternidade é parte da sua missão evangelizadora.

O Papa Francisco não fala especificamente deste tema na *Fratelli Tutti*, mas muito do que é dito em relação à amizade social pode aplicar-se à missão de evangelização.

- **A fraternidade como paradigma de missão.** Podíamos dizer que “A fraternidade é o novo nome da missão.” A missão deve construir, promover a fraternidade.

- A fraternidade deve começar em casa e quando não existe compromete a missão. “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35). O sucesso da missão entre os pagãos deve-se ao facto, segundo Tertuliano, de que eles observavam a maneira como os cristãos se amavam.

- A missão visa “alargar o espaço da tenda” do nosso coração



CONGRESSO MISSIONÁRIO FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS

	14 DE OUTUBRO DE 2022 - SEXTA-FEIRA	15 DE OUTUBRO DE 2022 - SÁBADO
9h00	Acolhimento	Acolhimento
9h30	Sessão solene de abertura	Momento musical – Rão Kyao
10h00	Conferência 1 Fraternidade sem Fronteiras e o Documento de Abu Dhabi Cardeal Miguel Ángel Ayuso Guixot	Conferência 4 Fraternidade e Missão D. José Ornelas Carvalho
11h00	Intervalo	Intervalo
11h30	Conferência 2 A Fraternidade na Cultura do Diálogo Professora Maria Isabel Capeloa Gil	Conferência 5 Fraternidade no Diálogo Intercultural e Inter-Religioso Dra. Diana de Vallescar Palanca
15h00	Painel 1 Perspetivas da Fraternidade sem Fronteiras Islamismo - Khalid Jamal Judaísmo - Isaac Assor Cristianismo - Pedro Gil	Painel 2 Perspetivas da Fraternidade sem Fronteiras Hinduísmo - Shiv Kumar Singh Budismo - Paulo Borges Catolicismo - Pedro Vaz Patto
16h30	Intervalo	Intervalo
17h00	Conferência 3 A Fraternidade na Política, na Economia e no Modelo Social Dr. Guilherme d'Oliveira Martins	Conferência 6 A Fraternidade e a Reconstrução da Esperança Cardeal José Tolentino Mendonça
18h00	Oração inter-religiosa	Sessão solene de encerramento

Auditório Cardeal Medeiros | UCP-Lisboa | Tel: 218 855 460 | congressomissionario2022@gmail.com

(Isaías 54, 2-3, abatendo medos e preconceitos) para poder caber mais gente das várias proveniências... O Papa Francisco fala de “ampliar o nosso círculo” (FT, 83) e de “alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim” (FT, 97).

- Missão é **caminhar juntos** e testemunhar uma vivência, e não tanto ideias.

- “Há necessidade de **artesãos de paz** prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro” (FT, 225). ✨

Padre José Rebelo
Director Nacional das OMP

Missão: a alegria de partilhar

Anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus não é um dever que nos é imposto. É a possibilidade que temos de ajudar muitas outras pessoas a descobrir a presença activa de Jesus no mundo e na vida de cada pessoa. Jesus precede-nos.

I. O dever da missão e a alegria da partilha

Das muitas histórias de missionários que ouvi contar, uma das que mais gosto é a da carta que escreveu um irmão missionário que trabalhava na China nos últimos anos do século XIX.

Dizia assim: “Nunca agradecerei a Deus o suficiente por me ter feito missionário na China. ... Quando penso nas inúmeras graças que recebi de Deus, e que continuo a receber até agora... confesso que me vêm as lágrimas aos olhos. A vocação mais bonita do mundo é ser missionário” (Carta de Joseph Freindemetz, 1887).

Não lhe faltavam as dificuldades a enfrentar, mas sentia muito claramente que as alegrias e a beleza da vida que vivia valiam muito mais do que todas as renúncias que tinha feito.

Privações e dificuldades existem em todos os caminhos da vida, mas a missão de levar o Evangelho a outros povos é algo que enche o coração de alegria e nos faz participar num processo que é muito maior

do que os trabalhos que fazemos. A verdade é que participamos no trabalho de Deus que está a transformar o nosso mundo. Trabalhamos no Seu projecto.

Em outros tempos, gostávamos de sublinhar o ‘dever missionário’: a ordem de Jesus era clara, “Ide e anunciai” (Mt 28, 19-20) e, para obedecer a tal imperativo, homens e mulheres deixavam tudo e enfrentavam dificuldades sem conta, para levar aos povos de longe o Evangelho da salvação.

Nos nossos dias, o mandato missionário de Jesus, “Ide!” não perdeu nada da sua importância e urgência, mas há outra dimensão que tem vindo a chamar a nossa atenção: a razão pela qual Jesus envia, isto é, a sua presença que já está activa em toda a humanidade.

Muitos missionários e missionárias, regressando, não se cansavam de dizer, “É muito mais o que recebemos”, mas talvez só agora começamos a pensar no que isso significa.

Afinal, os missionários partem para “levar e dar” ou para “receber e trazer”? A resposta está na linha do Evangelho que está mesmo ali ao lado do tal “mandato missionário”: “todo o poder Me foi dado nos céus e na terra” (Mt 28, 18): Jesus ressuscitado está já presente em toda a parte, a transformar o mundo e as pessoas que o habitam, com a energia divina que é o Seu Espírito. É por isso que os missio-



O P. Fernando Domingues (autor do artigo) com um grupo de diáconos do Colégio Urbano, em Roma, que dirige, em 2010.



nários são convidados a partir, para colaborar nessa transformação que o Santo Espírito de Cristo já está a realizar.

O próprio Jesus falou dessa realidade em várias ocasiões. Quando apareceu às mulheres na manhã da Sua ressurreição, Ele pediu-lhes que fossem dizer aos Seus discípulos que deviam “partir para a Galileia, pois Ele os precedia e lá o haviam de encontrar” (cf. Mt 28, 8-15). Confirmamos isso mesmo de muitas maneiras na nossa vida missionária: nos povos a quem levamos o Evangelho, encontramos muitos sinais da presença de Deus que está activa nas suas vidas muito antes de nós lá chegarmos. Explicando a parábola da semente, Jesus também disse que o semeador é o Pai e a semente é a Palavra do Evangelho. Esta sementeira já Deus a começou há muito, no coração de cada pessoa, e particularmente nas várias tradições religiosas com que os povos se dirigem a Deus. Agora, o que Deus precisa é de “muitos trabalhadores para a colheita” (Lc 10, 2).

Numa linguagem semelhante, os antigos Padres da Igreja observavam as tradições culturais e religiosas (não-cristãs) do seu tempo e diziam que nelas se podia encontrar a Palavra (de Deus), em modalidade de semente (*Logos spermatikôs*).

A alegria dos missionários que partem, e de todas as pessoas que em qualquer lugar se dedicam a anunciar e testemunhar a nossa fé, é a alegria de partilhar com os outros o melhor que temos – o Evangelho de Jesus – e, ao mesmo tempo, descobrir e receber os dons que o Espírito de Jesus já foi cultivando ao longo dos séculos nessas pessoas e culturas em que vivem.

2. Dos trabalhos ao testemunho de vida

O Papa Francisco veio desafiar muitos de nós a reflectir de novo sobre a nossa maneira de viver a vida missionária. A expressão que ele gosta de usar é “Eu sou uma missão neste mundo” e acrescenta, “não posso separar a minha missão e a minha vida pessoal” (EG, 273).

Um missionário já idoso partilhava nestes dias as suas fadigas apostólicas e dizia: “nem sei bem como, mas na missão onde estive, consegui construir 40 capelas e cinco igrejas, que hoje servem cinco novas paróquias.” Extraordinário. E, sem dúvida aquelas mais de 40 comunidades cristãs agradecem muito a generosidade dele e de quantos apoiavam o seu serviço missionário. Era um tempo em que era preciso fundar as comunidades, estabelecer as primeiras estruturas...

Hoje, que as comunidades já têm um mínimo de consistência, o serviço missionário concentra-se mais sobre o esforço de transmitir o evangelho com o testemunho de vida, deixando que as construções



“Jesus ressuscitado está já presente em toda a parte, a transformar o mundo e as pessoas que o habitam, com a energia divina que é o Seu Espírito.”

sejam fruto do esforço das comunidades locais, à medida que elas vão crescendo.

Alguns ‘trabalhos’ serão sempre necessários, e não faltará a generosidade entre as várias Igrejas que continuarão a apoiar-se fraternamente umas às outras, mas o esforço missionário de anunciar com o testemunho de vida vem sublinhar de maneira nova a necessidade de os missionários serem mais contemplativos. Alguém diz que, na nova oração contemplativa dos missionários e missionárias, há um ‘subir’ e um ‘descer’: O missionário precisa de ‘subir’ até Deus; na oração e meditação, contemplar a vida e o mistério de Deus para sintonizar o próprio coração e o próprio pensamento com o coração e os planos de Deus. Depois, é preciso ‘descer’, olhar para o mundo, para as comunidades humanas a quem somos enviados para aí descobrir os movimentos do Espírito de Deus, aquilo que Deus está a inspirar e a fazer crescer. Então, o nosso testemunho de vida poderá ajudar as pessoas a discernir a acção de Deus e ‘ajustar’ a vida das comunidades cristãs e a direcção em que querem caminhar.

3. Da experiência vivida à partilha

A certeza de que Deus já está presente e bem activo na vida das pessoas e grupos humanos que nos acolhem, livra-nos da pressa ansiosa que às vezes



Missionário brasileiro católico em Moçambique

caracterizava algumas iniciativas missionárias. A nossa presença missionária há-de então ficar marcada pelo diálogo, pela capacidade de caminhar juntos – sinodalidade – e pela presença humilde.

a. Diálogo

Dialogar com os crentes de outras tradições religiosas é um elemento indispensável no nosso serviço missionário. O Evangelho não se impõe, oferece-se num diálogo respeitoso com quer aproximar-se de Jesus e da sua Igreja. E isto simplesmente porque é o caminho que o próprio Deus segue, como diz o documento da Santa Sé, sobre o diálogo e o anúncio em contexto missionário:

“Deus, num diálogo que dura ao longo dos tempos, ofereceu e continua a oferecer a salvação à humanidade. Para ser fiel à iniciativa divina, a Igreja deve, pois, entrar num diálogo de salvação com todos” (Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos, *Diálogo e anúncio* (1991) n.º 38).

Esse ‘diálogo’ entre a nossa fé e a tradição religiosa das pessoas que encontramos não é uma simples discussão que se conclui depressa. Trata-se de um

“diálogo de vida” em que a passagem de uma fé a outra se faz lentamente e poucos elementos de cada vez. Num encontro recente, alguns colegas notavam que num certo país africano, “ainda há muito elementos das religiões antigas na vida dos nossos cristãos.” Hoje, temos uma consciência mais clara sobre o facto que o processo de conversão a uma nova fé pode levar várias gerações, e talvez nunca chegue a ser total. Trata-se de questões que tocam as realidades mais profundas da vida humana. As pessoas precisam de muito tempo para mudar as realidades fundamentais das suas vidas.

As novas comunidades cristãs que vão surgindo, nascem e crescem com ‘uma alma própria’ e desenvolvem as suas próprias maneiras de rezar, de se organizarem, de transmitir a sua fé. A maneira de viver a fé cristã, nestas comunidades, é necessariamente configurada também pelos dons que tinham já recebido de Deus no caminho que Ele tinha vindo a fazer com elas ao longo dos séculos precedentes. As novas formas vida cristã, de celebração, e de pensamento, que assim se vão formando, são dons de Deus para partilhar com as outras Igrejas e assim enriquecer todas as outras comunidades, incluídas as comunidades



que lhes enviaram os missionários (cf. Vaticano II, *Ad Gentes*, 22).

b. Caminho juntos – Sinodalidade

As diferentes tradições cristãs que vão crescendo nos contextos missionários, são chamadas a enriquecer-se umas às outras, partilhando aqueles dons que foram crescendo no seu seio, frutos do caminho que Deus tinha feito com elas e do anúncio do Evangelho. Hoje, há músicas litúrgicas, maneiras de rezar, maneiras de organizar as comunidades cristãs onde o clero é muito escasso, etc., que se vão partilhando entre as várias Igrejas.

O que nós aprendemos a chamar ‘caminho sinodal’, é muito mais do que algumas reuniões para dar a nossa opinião. Trata-se de uma maneira de ser Igreja em que cada comunidade cristã dá a conhecer às outras o caminho que vai fazendo, e encontra no caminho de outras comunidades pistas para orientar melhor o seu próprio futuro. Assim, não só as pessoas caminham juntas, mas as Igrejas dos vários países e continentes são chamadas a enriquecer-se e a iluminar o caminho umas das outras. Pensemos, por exemplo, como nos últimos anos o caminho que as Igrejas da América Latina vinham fazendo nas últimas décadas, tão bem apresentado no documento da Assembleia de Aparecida (2007), tem agora enriquecido as Igrejas dos outros continentes através do ensinamento do Papa Francisco que nessa Assembleia tinha participado.

Os missionários e as missionárias que partem enviados por uma Igreja para se colocarem ao serviço de outras Igrejas em contextos culturais diferentes, e que mais tarde regressam enriquecidos por novas experiências, são protagonistas de primeira linha neste processo de intercâmbio e de mútuo desafiar-se e enriquecer-se entre Igrejas nos vários continentes. O melhor que podem fazer, ao regressar é contar como, por lá, “a Palavra de Deus crescia e se multiplicava” (*Act 12, 24*).

c. Caminho humilde

Esta “missão entre Igrejas” que hoje vivemos, só pode ser realizada autenticamente se todos aceitamos percorrer um caminho de humildade. Quando Deus olha para o nosso mundo, não vê comunidades ricas e comunidades pobrezinhas, vê só famílias de filhos e filhas com riquezas diferentes, que todos podem partilhar uns com os outros.

Cada comunidade cristã, no caminho que vai fazendo, tem experiências, descobertas, tentativas, que pode partilhar com as outras, e pode, por seu lado, aprender muito e encontrar caminhos novos quando se informa sobre o caminho que os outros vão procurando fazer.

Nenhum grupo e nenhuma Igreja possui o Espírito Santo em exclusividade. Todos temos algo a ensinar e todos podemos aprender dos outros. Os séculos de cristianismo em algumas zonas podem ter aprofundado muito a fé cristã, mas também podem ter acumulado elementos menos essenciais que acabam por encobrir aspectos importantes do Evangelho. Comunidades mais recentes, livres do peso de certas antigas tradições, por vezes, são capazes de captar e exprimir o Evangelho de maneira mais directa e mais clara. Com o tempo, também nós missionários aprendemos a conhecer melhor o evangelho que anunciamos.

O esforço de comunicar o Evangelho a outros povos, tentando “despi-lo das nossas tradições culturais”, para que esse Evangelho possa exprimir-se nas tradições culturais próprias dos povos a quem somos enviados, esse esforço nos leva a ver com maior clareza aquilo que é o “coração do evangelho”, distinguindo o que é essencial daquilo que é menos importante. Assim, quem parte, fá-lo também na disposição de ir aprender com humildade olhando com respeito para o que o Espírito de Deus vai realizando em outras terras.

Intercâmbio entre Igrejas

Vivemos hoje, a nova consciência de que todos somos missionários porque discípulos de Jesus. Isto porque todos somos convidados a partilhar o melhor que temos: a fé que vivemos juntos nas nossas comunidades cristãs.

Anunciar e testemunhar o Evangelho de Jesus não é um dever que nos é imposto. É a possibilidade que temos de ajudar muitas outras pessoas a descobrir a presença activa de Jesus no mundo e na vida de cada pessoa. Jesus precede-nos.

As comunidades cristãs da Igreja fazem o seu caminho de fé com uma imensa variedade de dons; celebram e testemunham a fé com grande criatividade, em modalidades que são configuradas pelo menos em parte pelas suas tradições culturais e religiosas.

Os missionários e missionárias que são enviados por uma Igreja concreta e recebidos por outra, lá longe, tornam-se instrumentos de um processo contínuo de intercâmbio que permite às Igrejas nas várias partes do mundo de continuarem um verdadeiro caminho sinodal em que se enriquecem umas às outras e se vão ajudando a descobrir novos caminhos de comunhão universal, na grande variedade de dons que o Senhor vai concedendo a todos. ✚

P. Fernando Domingues
Superior Provincial dos Missionários Combonianos

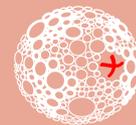
Animadores da IAM aquecem motores



No dia 24 de Setembro, a Infância Missionária (IM) retomou as suas actividades, começando o ano 2022-2023 com a Escola de Animadores da Infância Missionária (ESAIM). O encontro de formação e preparação do ano pastoral, decorreu na casa diocesana da Diocese de Aveiro, em Albergaria-a-Velha, onde estiveram presentes cerca de 30 animadores de 15 grupos da Infância, das dioceses de Aveiro, Braga, Porto, Vila Real e Viseu. O objectivo deste encontro era conhecer e apresentar e estudar o primeiro guião – de um percurso de crescimento quinquenal – da Infância e Adolescência Missionária.

Na parte da manhã, após a oração aeróbica de louvor, a formação dada pelos membros da comunidade de Sementes do Verbo, uma comunidade mista de origem francesa, responsáveis pela casa, foi direccionada para a formação e as dinâmicas de grupos. O foco esteve no entendimento dos **grupos-comunidades** que **se relacionam e trabalham animados pelo Espírito Santo**. As dinâmicas dão sentido e potenciam os valores e a mensagem do Evangelho que se quer comunicar. **Não há missão sem comunhão, sem diálogo**. A manhã terminou com a realização de três dinâmicas para colocar em prática estas ideias-chave.

Após o almoço partilhado, à sombra refrescante das árvores do Santuário de Nossa Senhora do Socorro, a Teresa Vieira e o Pedro Barros, do Serviço Diocesano de Animação Missionária de Aveiro (SDAM) apresentaram, de forma detalhada, os objectivos e as dinâmicas do roteiro 2022-2027 da caminhada da Infância Missionária (IM). Nos próximos cinco anos pastorais, a Infância Missionária pretende criar nas crianças e adolescentes o sentido missionário da pertença a uma **“Casa Comum”**, que é o nosso mundo! Para cada ano existe um lema, um símbolo, um verbo, um compromisso e um continente associado.



para o ano pastoral de 2022-2023



Fotos: João Fernandes

O lema para 2022-2023 é “**a beleza da nossa casa!**” Começamos a construção da casa, naturalmente, pelos **alicerces e paredes** (=símbolo). Vamos “**ver e admirar**” (=verbos) as belezas da Criação e fazer da nossa casa **um espaço para fazer o bem** (=compromisso). Ao longo do ano, tentaremos conhecer melhor a **Ásia**, um continente associado à **cor amarela**.

O guião pretende dar mais espaço aos adolescentes e suas famílias. Por isso, eles são chamados a participar de forma activa na preparação e execução de cada encontro. O ano terá três encontros que estão divididos em três sessões cada, permitindo assim que cada tema seja

abordado de uma forma clara e sem pressas. A metodologia passa pelo acolhimento, uma explicação passo-a-passo da actividade, uma reflexão bíblica e uma oração/compromisso.

Todos os grupos, nas suas comunidades paroquiais, devem criar um espaço, em lugar visível, dedicado à infância missionária, na forma de um mural (feito de tijolos ou apenas pintado) – onde expõem os “frutos” da sua reflexão e das suas actividades mensais – para que toda a comunidade perceba e possa acompanhar mais de perto o funcionamento e o caminho da IM.

Salientou-se a importância de todos os grupos da IM participarem nas actividades da comunidade

paroquial, desde o terço, as vigílias de oração, as procissões, e demais actividades, onde sejam o rosto visível deste dinamismo missionário e, assim, mais facilmente possam contagiar outros e tornar Jesus mais conhecido e amado.

O Bispo de Aveiro, D. António Moiteiro, que teve o cuidado pastoral e a amabilidade de estar presente de um modo muito activo na sessão da tarde, deixou uma palavra de ânimo e incentivo a todos os animadores, recordando-lhes a importância que cada animador tem no anúncio do Evangelho na sua comunidade.

O encontro terminou com o desejo de continuar a formação. ✚

A MISSÃO é divertida

Um casamento no chão

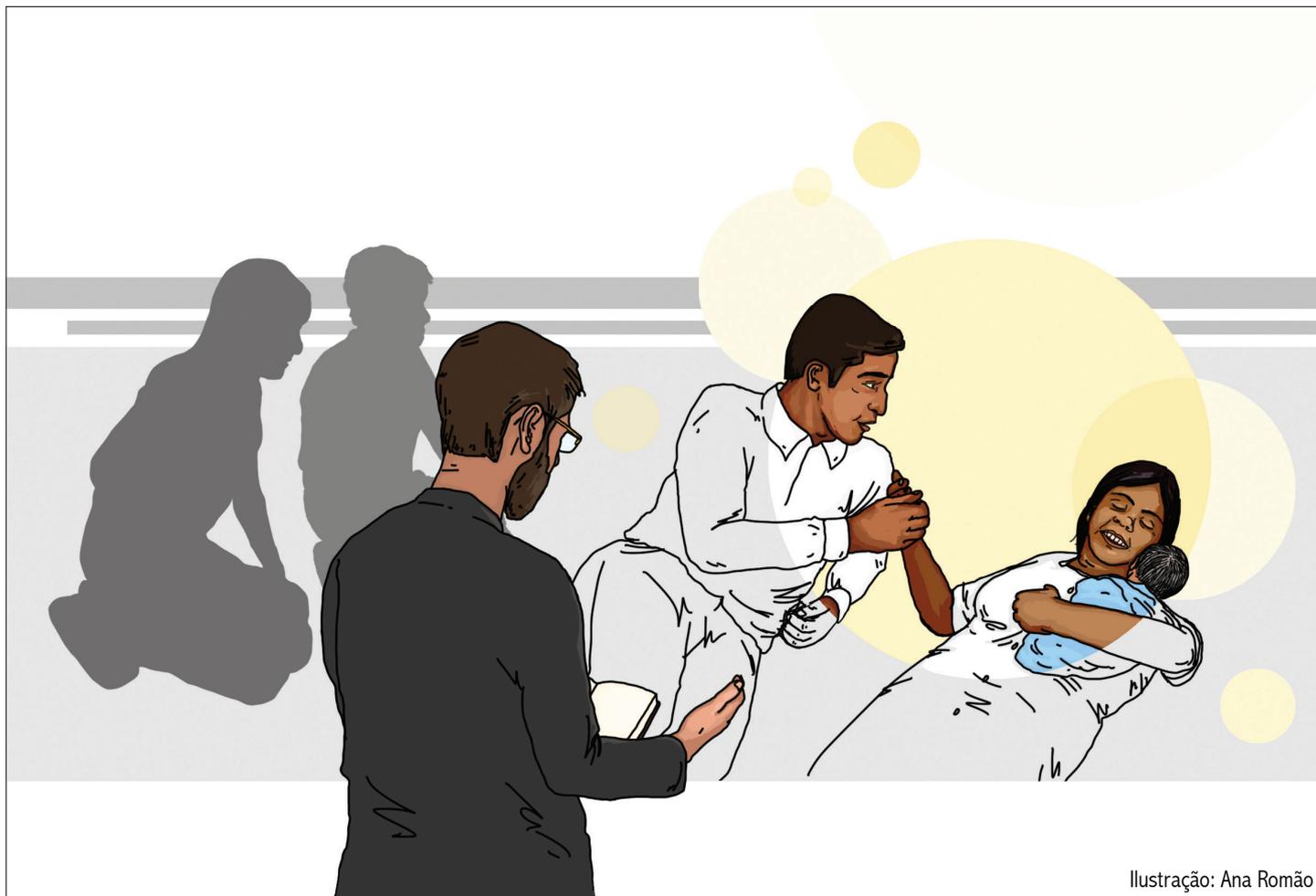


Ilustração: Ana Romão

Um missionário narra a sua experiência de um casamento *sui generis*: “Uma manhã na minha paróquia, na montanha de Barillas, Guatemala, presidi a dez casamentos. Um casal não compareceu, e o povo disse que a noiva tinha dado à luz durante a noite. Pediram-me para ir e presidir ao casamento do casal. Quando cheguei à sala pouco iluminada, algumas pessoas estavam de pé e a noiva, ainda fraca, estava encostada a uma parede com um simples vestido branco. Isso poderia não ser seguro, dado que a pobre mulher poderia desmaiar. Pedi que se deitasse num cobertor no chão e o noivo se deitasse ao seu lado. Depois, as testemunhas e eu ajoelhamo-nos no chão com o novo bebé e o feliz casal celebrou o seu casamento!”

Demasiado teimoso para morrer. Um missionário em Hong Kong conta esta historietta verdadeira: “O Padre Nicholas Kao era uma pessoa muito notável. Tendo-se reformado como pároco de uma paróquia em Taiwan, quando chegou aos 80 anos, entrou nos Monges Trapistas em Hong Kong, para rezar e preparar-se para a morte, mas não queria fazer o ano de noviciado exigido.

Houve um impasse durante 20 anos: sem noviciado e sem votos religiosos. O bispo de Hong Kong, Cardeal John B. Wu, conseguiu-lhe uma dispensa para que ele pudesse fazer os votos no seu 100º aniversário natalício.

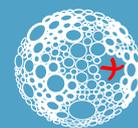
Ele conservou-se bem-disposto e saudável, participou em todos os exercícios comunitários,

e até viajou para Taiwan e para a China continental sozinho, escarhecendo da oferta do abade de ser acompanhado por um monge mais jovem. Continuava forte aos 110 anos até que caiu e partiu a anca.

Curou-se rapidamente, mas gracejou que quando regressasse à sua rotina habitual, não voltaria a cavar a sua própria sepultura, como era costume no mosteiro, porque cada vez que acabava de a escavar, outro monge se apropriava da sepultura antes que ele a pudesse usar.

Antes da sua morte, em Dezembro de 2007, ele era o residente mais antigo de Hong Kong e o padre mais velho do mundo.”

Cantando sem medo. Um missionário que trabalhava no



Egipto com prisioneiros estrangeiros que estavam a cumprir penas de prisão longas por abuso de drogas, conta uma experiência na prisão de Qanatar: “Na minha primeira visita a esta prisão, alguns dos prisioneiros começaram a cantar hinos depois de receberem a Eucaristia. Como estávamos numa secção comum de visitas e a maioria dos outros reclusos eram muçulmanos, fiquei nervoso e tentei dizer aos cantores para não cantarem tão alto. A sua resposta foi que os outros sabiam que eram cristãos e esperavam que cantassem quando rezavam. ‘E os guardas?’, inquiri. Vários prisioneiros responderam: ‘Que podem eles fazer-nos, prender-nos?’”

Sem roupa interior. Um missionário nas Filipinas narra a sua experiência de massacrar a língua local da região das Visayas e de criar uma cena hilariante: “Estava apenas há cerca de dois meses nas Filipinas, procurando aprender a língua local. Um dia depois da escola, apanhei o *jeepney* (tradicional meio de transporte) para ir à cidade. Quando cheguei ao meu destino, tirei uma nota de vinte pesos do meu bolso. O condutor do *jeepney* disse-me algo que eu não compreendi. Suponho que ele me perguntou se eu tinha uma nota mais pequena ou trocos para pagar a tarifa de 35 ‘centavos’. Não sabia como

dizer-lhe que este era o único dinheiro que eu tinha. Por isso, disse-lhe corajosamente: ‘Olhe, peço desculpa, mas não tenho nenhum *carsonsilyo*.’ Devia ter usado uma palavra com um som semelhante, *sinsilyo*. Em vez de dizer ao motorista que não tinha troco, disse-lhe que não estava a usar roupa interior! O motorista e os passageiros divertiram-se com minha confissão honesta!”

Uma forma dolorosa de pescar. Do Camboja vem uma história da vida quotidiana: “Chan, o nosso guarda de 28 anos, em Phnom Penh, Camboja, veio um dia para o trabalho coxeando terrivelmente. No dia anterior, ele tinha ido pescar num lago. Apanhou um peixe grande e enquanto ele tentava agarrá-lo, uma das barbatanas espinhais picou-o no dedo médio do pé. A água do tanque estava imunda e a barbatana estava contaminada. O dedo de Chan ficou inchado e muito sensível ao toque. Sugeriu-lhe que limpasse a ferida e a mergulhasse em água salgada e a ferver. No entanto, seis horas depois o inchaço tinha-se espalhado. Uma enfermeira, Irmã religiosa, levou-o à clínica, onde lhe foi administrada uma vacina contra o tétano e muitos antibióticos para a grave infecção.

Quanto ao peixe, tinha-se agarrado ao dedo do pé de Chan, de modo que quando ele tirou o

pé da água, o peixe saltou para cima dele. Chan conseguiu sacudi-lo e levou-o para casa para o jantar. Disse que estava delicioso, mas não era a melhor maneira de pescar.” ✨

Padre Jim Kroeger
Missionário Maryknoll

Congresso Missionário



Convém inscrever-se quanto antes, sobretudo se quer estar presente no local, dado que o auditório só tem capacidade para 450 pessoas.

Para se inscrever, digitalize o código QR que se segue.



Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos agradecer-hes e mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



Guião Missionário (2022-2023)

O Evangelho de Jesus não perdeu a sua força e continua a ser uma proposta vigorosa de vida em abundância para todas as pessoas e povos, que frequentemente a buscam onde é difícil encontrá-la. Testemunhá-lo aos homens e mulheres do nosso tempo é o que de melhor podemos fazer por eles – e é uma fonte de alegria e de vida para nós.

O Guião Missionário tem as seguintes finalidades:

I. Dinamizar o mês de Outubro

através de reflexões, momentos de oração e celebrações, de modo a torná-lo um mês especialmente dedicado à Missão. E a partir deste mês, que esta dinâmica, se possa estender ao longo de todo o ano.

2. Oferecer material de reflexão, oração e acção para o encontro semanal do grupo, movimento ou comunidade – escolher o dia e hora mais conveniente. É de toda a vantagem que a reflexão realizada e o compromisso assumido pelo grupo sejam partilhados com a comunidade paroquial, no âmbito da Eucaristia dominical.

3. Orientar as comunidades para a participação activa na Vigília Missionária e na celebração do Dia Missionário Mundial.

4. Aprofundar o espírito e a prática da oração paroquial, comunitária, familiar e pessoal – com preocupações universais – nomeadamente através das “preces diárias”.

5. Sensibilizar as comunidades eclesiais, no sentido de despertarem vocações consagradas e laicais para o serviço missionário universal.

6. Criar uma consciência viva de solidariedade, comunhão e cooperação entre as Igrejas, através de propostas de estilos de vida simples, seguindo critérios de sobriedade alegre e fraterna partilha de bens.

7. Motivar o conhecimento da realidade missionária, de modo a descobrir o entusiasmo e a vitalidade das jovens Igrejas, assim como os valores das outras culturas.



8. Propor atitudes e gestos que levem a um maior espírito de abertura, diálogo, colaboração e compreensão entre as pessoas, grupos e comunidades.

9. Favorecer um maior conhecimento, colaboração, entajuda e partilha entre os cristãos, comunidades, associações missionárias laicais, instituições missionárias diocesanas e institutos missionários.

10. Promover, na Igreja e na sociedade em geral, a participação activa em acções e campanhas que visem a dignidade de todas as pessoas, a solidariedade para com os mais pobres, excluídos e injustiçados, e a proposta de causas a favor da justiça e da paz entre pessoas, grupos e nações. ✨

Colecta do Dia Mundial das Missões

Os peditórios das Missas do Dia Mundial das Missões, no dia 23 de Outubro, destinam-se integralmente “ao Fundo de Solidariedade Universal com que o Papa sustenta a actividade missionária” (Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2022). É com esse fundo que se ajudam regularmente 939 dioceses em África, Ásia, América do Sul e Oceânia (a ter esquemas de saúde para o clero, a pagar as pensões de muitos dos seus bispos eméritos, a manter as estruturas diocesanas e outras necessidades que seria difícil serem apoiadas por outras entidades), e se apoia a formação de catequistas, as obras apostólicas e sociais, os *mass media*, as escolas, os colégios e as universidades (inclusivamente os seis colégios romanos a cargo da Propagação da Fé), a construção de igrejas e capelas e a compra de meios de transporte, algumas nunciaturas apostólicas, entre outras coisas.



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missio.omp@netcabo.pt

NIPC: 501132619

Homepage: www.opf.pt

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03

NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203

Registo na ERC n° 104247

TIRAGEM: PDF para web

FOTOGRAFIA:

João Fernandes; Arquivo OMP

